

Habitação e seus problemas

Um mar de submoradias na região

Em 10 anos, parcela da população local em más condições de habitação subiu de 13% para 17,1% do total, mais do que em São Paulo

EGLE CISTERNA
DA REDAÇÃO

Entre 2000 e 2010, a parcela da população da Baixada Santista que vive em aglomerados subnormais passou de 13% para 17,1% – o equivalente a 297 mil habitantes. Os números são do Censo do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Tal expansão superou a da Região Metropolitana de São Paulo no período: alta de 9% para 11% de sua população.

Aglomerados subnormais são conjuntos formados por, no mínimo, 51 habitações sem serviços públicos essenciais, ocupando propriedade pública ou particular e dispostas de forma desordenada e densa. Favelas, por exemplo.

Na região, as maiores proporções de pessoas nessa situação estão em Cubatão (41,5% da população), Guarujá (32,9%) e São Vicente (26,2%). No País, o maior índice é em Belém (PA), com 53,9%.

Segundo o Plano de Habitação feito em 2010 pela Fundação Seade, estadual, as regiões metropolitanas de São Paulo, Baixada Santista e Campinas reúnem cerca de 70% do déficit e da inadequação de moradias do Estado.

Apenas na Baixada, são 70 mil moradias em barracos, áreas de desmoronamento ou enchentes. Há outras 95 mil consideradas inadequadas, seja por espaço reduzido, falta de infraestrutura ou documenta-



NIRLEYSENA - 26/8/10

Favela na Vila dos Pescadores, em Cubatão: o município tem 41,5% de seus habitantes em submoradias, o índice mais alto da Baixada Santista

Inadequadas

297

mil

peçoas moram em condições consideradas subnormais, de acordo com o Censo de 2010

ção. Nesse caso, estão enquadrados favelas e cortiços.

PROGRAMA HABITACIONAL

Desde 2010, quando o Estado introduziu o Programa de Recuperação Socioambiental da Serra do Mar, principalmente em Cubatão, 4.500 famílias já foram retiradas de áreas de preservação ambiental, como os bairros-cota.

A próxima etapa está no projeto que atenderá as famílias que estão fora da área de preservação. A Companhia de Desenvolvimento Habitacional e Urbano (CDHU) já mapeou 132 núcleos de moradias que farão parte de um programa.

“Por conta do passivo (escassez de investimentos) e do surgimento do pré-sal, vamos dar prioridade à Baixada Santista e

aos litorais Norte e Sul”, diz Fernando Chucre, coordenador do programa.

Serão investidos R\$ 1,2 bilhão na reurbanização de núcleos da Baixada e do Litoral Norte onde há possibilidade de permanência, na retirada de 9 mil famílias e na construção de 15 mil unidades. As obras nos primeiros 32 núcleos (nove deles em Guarujá) começam em

2014, segundo a CDHU.

MOVIMENTO SOCIAL

Para o presidente do Conselho Pró-Moradia da Baixada Santista, José Carlos da Silva, apesar de todo o investimento, ainda há um déficit muito grande de moradias na região. “Só em Santos, são necessárias 12 mil unidades”.

Mas a luta a que ele se refere está longe das manifestações vistas nesta semana na região (leia na página A-7). “Sou contra essa coisa de manifestação, de invasão. Já conseguimos muita coisa na conversa, como o Estradão e as unidades da (Vila) Pelé. Se for ocupação, de ficar parado naquilo que é público, eu até ajudo. Mas invadir o que é dos outros, sou contra mesmo”, afirma ele. A entidade representa 64 movimentos, oito associações e duas cooperativas de moradia da região.

SANTOS

Atualmente, Santos tem dois projetos habitacionais em andamento: os conjuntos da Caneleira e do Tancredo, para 1.800 moradias. Está em análise a construção de 570 unidades em áreas doadas pela União nas ruas da Constituição, Comendador Martins e na Avenida Senador Feijó.

Também se planejam 180 moradias na Vila Santa Casa, 326 no Morro da Nova Cintra e 205 no Jardim São Manoel.

Em SV, incêndio deixa 42 famílias sem casa

VICTOR MIRANDA

A situação é tão recorrente que o procedimento padrão é conhecido de cor. Barracos pegam fogo, bombeiros combatem as chamas, correria na favela. Ao amanhecer, equipes das secretarias da Habitação e da Assistência Social trabalham no cadastro das famílias atingidas pelas chamas. Quem tem condições vai à casa de amigos ou parentes. Aos demais, restam os abrigos. Mas todos esperam por solução definitiva. Foi assim nos últimos incêndios que inflamaram a México-70, em São Vicente. Deve ser assim nos prováveis próximos.

Não se trata de pessimismo nem desejo de que os fatos se repitam. Mas uma infeliz tendência, visto que, nos últimos cinco anos, quase 600 barracos se desfizeram em chamas naquela favela. O último incêndio, na noite de quinta-feira, atingiu uma região conhecida como Beco da Maldita, destruindo totalmente ou parcialmente imóveis de 42 famílias, conforme o cadastro feito pela Prefeitura na manhã de ontem na Escola Municipal Ercília Nogueira Cobra, na Vila Margarida. Nove famílias foram encaminhadas ao Centro de Convivência (Cecon) Samaritã.

O acontecimento se soma ao de maio último, quando 366 famílias perderam moradias, em um dos maiores incêndios no núcleo. Só neste ano, mais



IRANDY RIBAS - 31/10/13

Fogo se deu na mesma noite em que se protestou por auxílio-moradia

de 400 famílias e 2 mil pessoas passaram pela situação.

E o processo se repete. A Prefeitura informa que não alterará a ordem de cadastro dos beneficiários de projetos habitacionais – até para evitar que incidentes suspeitos se multipliquem. A saída será apelar para auxílio-moradia nas esferas nacional ou federal.

CADASTRO E PROTESTO

“Fizemos um cadastro das famílias afetadas e, agora, vamos cruzar os dados entre (as secretarias de) Assistência Social e Habitação. Temos que formalizar todo o processo para poder dar entrada num pedido de auxílio-moradia junto ao Gover-

no Federal”, detalha o prefeito Luís Cláudio Bili (PP), com a experiência de quem, em dez meses de gestão, lida com o segundo grande incêndio no local.

O procedimento adotado em maio foi idêntico. Por ser um caso de grandes proporções, porém, a liberação de verba foi rápida. Em junho, o Ministério da Integração Nacional começou a pagar R\$ 400,00 mensais às famílias atingidas, por meio ano.

Possíveis problemas nesses benefícios, porém, geraram um protesto na noite de quinta-feira na Rodovia dos Imigrantes, na altura do Viaduto Mário Covas, na Vila Margarida. Coin-

Desalojados

Quatro barracos, três famílias, 18 pessoas. Os números estão acima da média nacional. Mas, na México-70, isso é bem comum. Ainda mais quando se informa que 12 desse grupo são crianças ou adolescentes. No pátio da escola Ercília Nogueira Cobra, Jasline Oliveira da Silva, de 17 anos, era mais velha da família. Cuidava de seis crianças, entre filhos, irmãos e sobrinhos. “Deu para salvar bastante coisa do incêndio. Mas agora não temos para onde ir. Estamos esperando para ir a um abrigo”, diz, sorrindo. Para ela, quem mora em barraco tem que se acostumar com essa possibilidade. “Um dia a gente tem, no outro perde tudo. Faz parte”. Ela não estava em casa quando começou o incêndio. Avisada pela mãe, demorou dez minutos para se dirigir ao Beco da Maldita. Chegando lá, encontrou tudo em chamas e teve que se apressar. “Não dá para pensar só na sua casa. Tem que correr e ajudar todo mundo”.



cidentemente, no mesmo dia em que o segundo incêndio no ano atormentou a México-70.

O prefeito Bili diz categoricamente que não houve atraso, contrariando os manifestantes. “Houve uma pequena confusão por parte dos moradores. Quando começamos a pagar o benefício, fizemos três depósitos adiantados, justamente para ajudar as famílias a conseguirem o aluguel. Alguns se confundiram”, minimiza, informando que já foi solicitada ao Governo Federal a prorrogação do benefício.

Entretanto, segundo o secretário da Habitação, Emerson Santos, a secretaria tem feito contato diário com o Governo Federal pedindo o acerto do valor. “Agora já estamos solicitando também o acerto com a Casa Civil. Mas estamos otimistas quanto à solução do proble-

ma”.

Emerson cita como solução o pagamento do benefício. Mas a solução definitiva do problema é o fim da favela – uma discussão iniciada no final da década de 70, quando a ocupação da área tinha menos de uma década e começava a preocupar. A situação atravessou nove governos municipais. O fogo jamais se apagou.

Desta vez, a hipótese mais provável foi um curto-circuito. Já foi botijão de gás, vela e até cachimbo de crack. Para aquela gente, porém, tudo é sintomático. As causas são conhecidas há tempos: ocupação desordenada, desigualdade social, omissão, violência e morosidade nas decisões. O resto é só lenha alimentando esse incêndio que dura quatro décadas.

MAIS INFORMAÇÕES NA PÁGINA A-7

Polêmica

Em meio a manifestações e incêndios, uma polêmica foi iniciada na rede social Facebook. O perfil do deputado federal Márcio França (PSB) informou que o Ministério da Integração Nacional depositou cerca de R\$ 1 milhão para auxílio-moradia nos cofres da Prefeitura. Emerson Santos nega. “Foi publicada portaria no dia 17, mas os recursos não foram liberados”. O prefeito Bili é mais contundente. “Deputado tem foro privilegiado e, por isso, fala o que quer. O que posso garantir é que negociamos a prorrogação do auxílio-moradia por mais seis meses. Irei a Brasília na 2ª-feira e só sairei de lá com a situação resolvida”.



NO TORRE PRAIA, VOCÊ ENCONTRA TUDO COM QUALIDADE.

INCLUSIVE RAPIDEZ E BOM ATENDIMENTO.

Torre Praia

FORNECEDOR:  Especializada no Atendimento do Food Service

Rua Onze de Junho, 209 - São Vicente/SP | Tel. 3468.3013 | torrepraia.com.br